

# **O Horla**

**Guy de Maupassant**

*8 de maio.*—Que dia admirável! Passei toda a manhã deitado na relva, defronte minha casa, sob o enorme plátano que a cobre, a abriga e lhe dá sombra. Gosto deste torrão, e gosto de aqui viver porque tenho aqui minhas raízes, essas profundas e delicadas raízes que ligam um homem à terra onde nasceram e morreram seus avós, que o ligam ao que se pensa e ao que se come, aos usos como aos alimentos, às locuções locais, às entonações dos camponeses, aos odores do solo, das aldeias e do próprio ar.

Gosto da minha casa onde cresci. Das minhas janelas vejo o Sena que corre ao longo do meu jardim, atrás da estrada, quase no meu pedaço de terra, o grande e largo Sena que vai de Ruão ao Havre, coberto de barcos que passam.

Além, à esquerda, Ruão, a vasta cidade de telhados azuis, sob a pontiaguda multidão dos campanários góticos. São inumeráveis, esguios ou largos, dominados pela flecha da catedral, e cheios de sinos que vibram no ar azul das belas manhãs, lançando até mim o seu suave e longínquo zumbido de ferro, o seu canto de bronze que a brisa me traz, ora mais forte, ora mais flébil, conforme desperta ou desfalece.

Como era agradável a manhã de hoje!

Pelas onze horas, um longo comboio de navios, puxados por um rebocador, do tamanho de uma mosca, e que arquejava de esforço, vomitando uma espessa fumarada, desfilou diante das minhas grades. «"

Depois de duas galeotas inglesas, cujo pavilhão vermelho ondulava contra o céu, vinha um soberbo três-mastros brasileiro inteiramente branco, admiravelmente limpo e lúcido. Eu o saudei não sei por que, tanto prazer senti ao vê-lo.

*12 de maio.*—Há alguns dias que ando com um pouco de febre: sinto-me doente, ou antes, sinto-me triste.

De onde vêm essas influências misteriosas que transformam em desânimo o nosso bem-estar, e a nossa confiança em desespero? Dir-se-ia que o ar, o ar invisível, está cheio de Potências incognoscíveis, de cuja misteriosa vizinhança nós sofremos a influência. Desperto cheio de alegria, com desejos de cantar.—Por quê? Desço até a margem do rio; e, súbito, após um curto passeio, regresso desolado, como se alguma desgraça me esperasse em minha casa.—Por quê?—Foi um frêmito de frio que tangenciando minha pele desequilibrou meus nervos e ensombreceu minha alma? Foi a forma das nuvens, ou a cor da atmosfera, a cor das coisas, tão variável, que passando por meus olhos perturbou meu pensamento? Pode-se lá saber? Tudo o que nos cerca, tudo o que vemos sem olhar, tudo o que roçamos sem conhecer, tudo o que tocamos sem palpar, tudo o que encontramos sem distinguir, causa em nós, em nossos órgãos e, por meio destes, em nossas idéias, em nosso próprio coração efeitos súbitos, surpreendentes e inexplicáveis.

Como é profundo esse mistério do invisível! Não podemos sondá-lo com nossos miseráveis sentidos, com nossos olhos, que não sabem perceber nem o muito pequeno nem o muito grande, nem o muito próximo nem o muito afastado, nem os habitantes de uma estrela, nem os habitantes de uma gota d'água... com os nossos ouvidos que nos enganam, pois eles nos transmitem as vibrações do ar em notas sonoras. Eles são gênios que fazem o milagre de transformar em ruído esse movimento e, por essa metamorfose, dão nascimento à música, que torna cantante a muda agitação da natureza... com o nosso olfato, mais fraco que o do cão... com o nosso paladar, que mal pode distinguir a idade de um vinho!

Ah! se tivéssemos outros órgãos que realizassem em nosso favor outros milagres, que coisas poderíamos descobrir ao nosso redor!

*16 de maio.*—Estou doente, decididamente. E tão bem que eu estava no mês passado! Estou com febre, uma febre atroz, ou antes, um enervamento febril, que torna a minha alma tão enferma quanto o meu corpo. Tenho sempre essa horrível sensação de um perigo iminente, essa apreensão de uma desgraça que está para chegar, ou da morte que se aproxima, esse pressentimento que é sem dúvida o pressentimento de um mal ainda desconhecido, germinando no sangue e na carne.

*18 de maio.*—Acabo de consultar meu médico, pois eu não podia mais dormir. Açou-me o pulso rápido, a pupila dilatada, os nervos vibrantes, mas sem nenhum sintoma de alarmar. Devo submeter-me a duchas e tomar brometo de potássio.

*25 de maio.*—Nenhuma mudança! O meu estado, na verdade, é esquisito. À medida que a tarde avança, invade-me uma incompreensível inquietação, como se a noite ocultasse para mim alguma terrível ameaça. Janto às pressas, depois tento ler; mas não compreendo as palavras; mal distingo as letras. Caminho então de um lado para outro na sala, sob a opressão de um receio confuso e irresistível, o receio do sono e o receio do leito.

Pelas duas horas, subo ao meu quarto. Logo que entro, dou duas voltas na chave e baixo os ferrolhos; eu tenho medo... de quê?... Até agora eu não temia coisa nenhuma... eu abro meus armários, olho debaixo da cama; escuto... escuto... o quê?... Não é estranho que uma simples indisposição, uma perturbação circulatória talvez, a irritação de um filete nervoso, um pouco de congestão, um pequeníssimo desarranjo no funcionamento tão imperfeito e tão delicado da nossa máquina viva, possa fazer um melancólico do mais alegre dos homens, e um covarde do mais bravo? Depois, deito-me e espero o sono como esperaria o carrasco. Espero-o com o temor da sua chegada, e meu coração bate, e minhas pernas tremem; e todo meu corpo tiritia no aconchego das cobertas, até o instante em que tomo de repente no repouso, como quem tombaria, para afogar-se, num golfo de água estagnada. Não o sinto vir como outrora, esse sono pérfido, oculto perto de mim, que me espreita, que vai apanhar-me pela cabeça, fechar-me os olhos, aniquilar-me.

Eu durmo—bastante tempo—duas ou três horas—depois um sonho—não—um pesadelo apodera-se de mim. Bem sinto que estou deitado e que durmo... Eu o sinto e o vejo... e sinto também que alguém se aproxima de mim, me olha, me apalpa, sobe para a minha cama, ajoelha-se sobre o meu peito, me toma o pescoço entre as suas mãos e aperta... aperta... com toda a força, para estrangular-me.

Eu me debato, atado por essa atroz impotência que nos paralisa nos sonhos; quero gritar—não posso; quero moverme—não posso;—com terríveis esforços, arquejando, tento virar-me, lançar ao chão aquele ser que me esmaga e sufoca—não posso!

E de súbito'acordo, desvairado, banhado em suor. Acendo uma vela. Estou sozinho.

Após essa crise, que se renova todas as noites, eu durmo enfim, com calma, até a aurora.

*2 de junho.*—Agravou-se meu estado. Que tenho eu? O brometo não adianta nada; as duchas não adiantam nada. Ainda há pouco, para fatigar o corpo, tão cansado no entanto, fui dar uma volta pela floresta de Roumare. Julguei a princípio que o ar fresco, leve e suave, cheio de odor de ervas e folhas, me vertia nas veias um sangue novo, no coração uma energia nova. Enveredei por uma grande avenida de caça, depois desviei para La Bouille por uma alameda estreita, entre dois exércitos de árvores desmesuradamente altas que punham um teto verde, espesso, quase negro, entre minha vista e o céu.

Acometeu-me de súbito um arrepio, não um arrepio de frio, mas um estranho arrepio de angústia.

Apressei o passo, inquieto de estar sozinho naquele bosque, amedrontado sem razão, estupidamente, pela solidão profunda. De repente me pareceu que estava sendo seguido, que andavam nos meus calcanhares, bem junto de mim, quase a tocar-me.

Voltei-me bruscamente. Estava só. Apenas vi atrás de mim a reta e longa alameda, deserta, alta, assustadoramente deserta, e do outro lado ela também se estendia a perder de vista, sempre igual, terrível.

Fechei os olhos. Por quê? E me pus a girar sobre um calcanhar, rápido, como um pião. Quase caí; reabri os olhos; as árvores dançavam; a terra oscilava; tive de me sentar. Ah! e eu não sabia mais por onde tinha vindo. Estranha idéia! Estranha, estranha idéia! Absolutamente não sabia. Voltei pelo lado que se achava à minha direita, e fui dar na avenida que me conduziu ao meio da floresta.

*3 de junho.*—A noite foi horrível. Vou ausentar-me durante algumas semanas. Uma pequena viagem, sem dúvida, me deixará restabelecido.

*2 de julho.*—Regresso. Estou curado. Fiz aliás uma encantadora excursão. Visitei o monte Saint-Michel, que eu não conhecia.

Que visão, quando se chega como eu em Avranches, pelo fim do dia! A cidade está sobre uma colina, e conduziram-me à praça pública, no outro lado. Lancei um grito de espanto. Uma desmesurada baía se estendia ante mim a perder de vista, entre duas costas afastadas, que se perdiam ao longe nas brumas; e no meio daquela imensa baía amarela, sob um céu de ouro e de claridade, erguia-se sombrio e agudo um monte estranho no meio das areias. O sol acabava de desaparecer e no horizonte ainda flamejante desenhava-se o perfil daquele fantástico rochedo que carrega no seu cume um fantástico monumento.

Logo que amanheceu, para lá me dirigi. O mar estava baixo como na véspera, e eu via erguer-se na minha frente, à medida que me aproximava, a surpreendente abadia. Após várias horas de marcha, atingi o enorme bloco de pedra que suporta a pequena cidade, dominada pela grande igreja. Tendo galgado a rua estreita e rápida, penetrei na mais admirável morada gótica construída para Deus sobre a terra, vasta como uma cidade, cheia de salas baixas esmagadas sob abóbadas e de altas galerias sustidas por esguias colunas. Entrei naquela gigantesca jóia de granito, leve como uma renda, coberta de torres, de esbeltos campanários, por onde sobem escadarias retorcidas, e que mergulham no céu azul dos dias, no céu negro das noites, sua bizarra cabeça eriçada de quimeras, de animais fantásticos, de flores monstruosas, e ligados um a outro por finos arcos trabalhados.

Quando atingi o alto, disse ao monge que me acompanhava: "Como se deve ficar tranqüilo aqui, meu padre!"

Ele respondeu: "Faz muito vento, meu senhor"; e pusemo-nos a conversar, vendo o mar que subia e que corria pela areia, cobrindo-a de uma couraça de aço.

E o monge me contou histórias, todas as velhas histórias daquele lugar, lendas e mais lendas.

Uma delas me impressionou bastante. Dizem os moradores da região, os do monte, que se ouve falar, à noite, nas areias e que depois se ouve balirem duas cabras, uma com voz forte, a outra com voz fraca. Afirmam os incrédulos que são os gritos das aves aquáticas, que ora se assemelham a balidos, ora a lamentos humanos; mas os pescadores retardatários juram haver encontrado a vagar pelas dunas, entre duas marés, ao redor da aldeia ali plantada longe do mundo, um velho pastor, cuja cabeça, coberta de um manto, a gente nunca vê e que conduz, marchando à sua frente, um bode com cara de homem e uma cabra com cara de mulher, ambos com longos cabelos brancos e falando sem cessar, disputando numa língua desconhecida, e depois cessando subitamente de gritar para balirem com toda a força.

Eu disse ao monge: "Acredita nisso?"

Ele murmurou: "Não sei"

Eu tornei: "Se existissem na terra outros seres além de nós, como não os conheceríamos há muito tempo? como o senhor não os teria visto? como não os teria visto, eu?"

Ele respondeu: "Será que nós vemos a centésima milésima parte do que existe? Olhe, eis aqui o vento, que com a maior força da natureza, que derruba os homens, abate os edifícios, desenraíza as árvores, soergue o mar em montanhas d'água, destrói os contrafortes e arremessa aos rochedos os grandes navios, o vento que mata, que assovia, que geme, que rugem—o senhor o viu? Pode vê-lo? E no entanto ele existe".

Calei-me ante esse simples raciocínio. Aquele homem era um sábio ou talvez um tolo. Não o poderia afirmar ao certo: mas calei-me. O que dizia, eu já o tinha pensado muitas vezes.

*3 de julho.*—Dormi mal; com certeza há aqui algo que produz a febre, pois o meu cocheiro sofre do mesmo mal que eu. Ontem, ao entrar, eu notara a sua singular palidez. Perguntei-lhe:

— Que é que você tem, Jean?

— É que eu não posso repousar, senhor, são as minhas noites que acabam com os meus dias. Desde a partida do patrão que isso me pegou como um feitiço.

Os outros criados vão bem, no entanto, mas eu tenho muito medo de ser apanhado novamente.

*4 de julho.*—Decididamente, apanharam-me outra vez. Voltam os meus antigos pesadelos. Esta noite, sent alguém acorado sobre meu corpo, alguém que, com sua boca sobre a minha, bebia minha vida entre meus lábios. Sim, ele a chupava de minha garganta, como o fazia uma sanguessuga. Depois ele ergueu-se, farto, e eu despertei, de tal maneira alquebrado, exausto, aniquilado, que não podia mais moverme. Se isto continua mais alguns dias, tornarei a partir certamente.

*5 de julho.*—Terei perdido a razão? O que se passou na última noite é de tal modo estranho, que a minha cabeça fica como que perdida quando o recordo!

Como o faço agora cada noite, eu tinha fechado a porta a chave; depois, tendo sede, bebi meio copo d'água, e notei por acaso que a minha jarra estava cheia até o gargalo de cristal.

Deitei-me em seguida e caí num dos meus terríveis sonhos, de que fui arrancado ao cabo de umas duas horas por um sobressalto mais terrível ainda.

Imaginem um homem que dorme, a quem tentam assassinar, e que desperta com uma lâmina no pulmão, e arqueja, coberto de sangue, e não pode mais respirar, e vai morrer, e não compreende nada—eis aí.

Tendo enfim recuperado a razão, senti sede de novo; acendi uma vela e dirigi-me à mesa onde estava pousada a jarra. Ergui-a, inclinando-a sobre o meu copo: nada escorreu.—Estava vazia! Estava completamente vazia! A princípio, nada compreendi. Depois, de súbito, senti uma emoção tão terrível que tive de sentar-me, ou antes, tombar numa cadeira! depois ergui-me de um salto para olhar em torno de mim! depois tornei a sentar-me, desvairado de espanto e de medo, ante o cristal transparente! Eu o contemplava com olhos fixos, procurando adivinhar. Minhas mãos tremiam! Tinham então bebido aquela água? Quem? eu, sem dúvida? Não podia ser senão eu! Então, eu era sonâmbulo, eu vivia, sem o saber, essa dupla vida misteriosa que faz pensar se não haverá dois seres em nós, ou se um ser estranho, irreconhecível e invisível, quando a nossa alma está entorpecida, não animará por momentos o nosso corpo cativo, que obedece a esse outro, como a nós mesmos, mais que a nós mesmos.

Ah! quem compreenderá a minha abominável angústia? Quem compreenderá a emoção de um homem, sã de espírito, bem desperto, cheio de razão e que procura espantado, através do vidro de uma jarra, um pouco d'água, desaparecida enquanto ele dormia? E ali fiquei até o raiar do dia, sem me animar a voltar para o leito.

*6 de julho.*—Enlouqueço. Beberam outra vez toda a minha água esta noite: ou antes, eu a bebi! Mas fui eu? Fui eu? Quem? Quem seria? Oh! meu Deus! Eu enlouqueço! Quem me salvará?

*10 de julho.*—Acabo de fazer experiências surpreendentes.

Decididamente, eu estou louco! E no entanto...

A 6 de julho, antes de deitar-me, coloquei sobre a minha mesa vinho, leite, água, pão e morangos.

Beberam—eu bebi—toda a água e um pouco de leite. Não tocaram nem no vinho nem nos morangos.

A 7 de julho, renovei a mesma experiência, que deu o mesmo resultado.

A 8 de julho, suprimi a água e o leite. Não tocaram em nada.

A 9 de julho, enfim, coloquei sobre a mesa apenas a água e o leite, tendo o cuidado de envolver as jarras em panos de musselina branca e amarrá-las. Depois esfreguei meus lábios, minha barba e minhas mãos com plombagina, e deitei-me.

O invencível sono se apoderou de mim, seguido logo pelo atroz despertar. Eu não me movera; minhas próprias cobertas não tinham manchas. Precipitei-me para a mesa. Os panos que cobriam as jarras estavam imaculados. Desatei os cordões, a palpitar de receio. Tinham bebido toda a água! tinham bebido todo o leite! Ah! meu Deus!

Vou partir imediatamente para Paris.

*12 de julho.*—Paris. Sem dúvida perdera eu a cabeça nos últimos dias! Devo ter sido joguete da minha imaginação enervada, a menos que eu seja verdadeiramente sonâmbulo, ou tenha sofrido uma dessas influências verificadas, mas inexplicáveis até hoje, que se chamam sugestões. Em todo caso, a minha agitação raiava pela demência, e vinte e quatro horas de Paris bastaram para restabelecer-me.

Ontem, depois de passeios e visitas que me filtraram na alma um ar novo e vivificante terminei minha noite no Théâtre-Français. Representavam uma peça de Alexandre Dumas, filho, e esse espírito alerta e poderoso completou minha cura. Por certo, a solidão é perigosa para as inteligências que trabalham. Precisamos, em torno de nós, de homens que pensem e que falem. Quando permanecemos muito tempo sozinhos, povoamos o vácuo de fantasmas.

Voltei bastante alegre ao hotel, pelos bulevares. No acotovelar da multidão, eu pensava, não sem ironia, nos meus terrores, nas minhas hipóteses da semana passada, pois acreditei, sim, acreditei que um ser invisível habitava sob o meu teto, Como é fraca nossa cabeça, e como se perturba e logo se perde, logo que um pequenino fato incompreensível nos impressiona!

Em vez de concluir por estas simples palavras: "Eu não compreendo porque a causa me escapa", nós logicamente imaginamos terríveis mistérios e forças sobrenaturais.

*14 de julho.*—Dia da República. Os petardos e as bandeiras me divertiam como a um menino. No entanto, é uma coisa bem tola ficar-se alegre em data fixa, por decreto do governo. O povo é um rebanho imbecil, ora estupidamente paciente, ora ferozmente revoltado. Dizem-lhe: "Vá bater-se com o vizinho". Ele vai. Dizem-lhe "Vota pelo Imperador".

Ele vota pelo Imperador. Depois, dizem-lhe: "Vota pela República". E ele vota pela República.

Os que dirigem são também uns tolos; mas, em vez de obedecer a homens, eles obedecem a princípios, os quais não podem deixar de ser ingênuos, estereis e falsos, por isso mesmo que são princípios, isto é, idéias reputadas certas e imutáveis, neste mundo onde não se tem segurança de coisa alguma, já que a luz é uma ilusão, já que o ruído é uma ilusão.

*16 de julho.*—Vi ontem coisas que me preocuparam bastante.

Eu jantara na casa de minha prima, *Mme. Sablé*, cujo marido comanda o 76 de Caçadores em Limoges. Achava-me na sua casa com duas jovens senhoras, uma das quais desposou um médico, o Dr. Parent, que se ocupa de doenças nervosas e das manifestações extraordinárias atualmente em foco, pelas experiências de hipnotismo e sugestão.

Os fatos que ele citou me pareceram de tal modo esquisitos, que me declarei totalmente incrédulo.

"Nós estamos", afirmava ele, "prestes a descobrir um dos mais importantes segredos da natureza, quero dizer, um dos seus mais importantes segredos sobre este planeta; pois ela tem certamente outros mais importantes, além, nas estrelas. O homem, desde que pensa, desde que sabe dizer e escrever seu pensamento, sente-se roçado por um mistério impenetrável a seus sentidos grosseiros e imperfeitos, e procura suprir, pelo esforço da sua inteligência, a incapacidade dos seus órgãos. Quando essa inteligência permanecia ainda no estado rudimentar, essa observação dos fenômenos invisíveis tomou formas banalmente terrificantes. Daí nasceram as crendices populares no sobrenatural, as lendas das almas penadas, das fadas, dos gnomos, dos fantasmas, direi mesmo a lenda de Deus, pois as nossas concepções do obreiro-criador, de qualquer religião que provenham, são na verdade as invenções mais mediocres e estúpidas, mais inaceitáveis saídas do cérebro amedrontado das criaturas. Nada mais verdadeiro que esta frase de Voltaire: 'Deus fez o homem à sua imagem mas o homem bem lhe retribuiu'.

"Mas há pouco mais de um século parece-nos pressentir qualquer coisa de novo.

Mesmer e alguns outros nos abriram um caminho inesperado, e chegamos na verdade, principalmente nestes últimos quatro ou cinco anos, a resultados surpreendentes".

Minha prima, muito incrédula também, sorria. O Dr. Parent lhe disse:—Quer que eu tente adormecê-la madame?

— Sim, quero.

Ela sentou-se numa poltrona e ele começou a olhá-la fixamente, fascinando-a. Eu me senti de súbito um pouco inquieto, com o coração a bater, a garganta oprimida. Via os olhos de *Mme. Sablé* se tornarem pesados, sua boca crispar-se, seu peito arquejar.

Ao cabo de dez minutos, ela dormia.

— Coloque-se atrás dela—disse o médico.

E eu me sentei atrás dela. Ele colocou-lhe entre as mãos um cartão de visita, dizendo-lhe: "Isto aqui é um espelho; que vê nele?"

Ela respondeu:

— Eu vejo o meu primo.

— Que faz ele?

— Torce o bigode.

— E agora?

— Tira uma fotografia do bolso.

— De quem é o retrato?

— Dele.

Era verdade! E a referida fotografia acabava de ser-me entregue naquela mesma tarde, no hotel.

— Como está ele no retrato?

— Está de pé, com o chapéu na mão.

Ela via, pois, naquele cartão, naquele cartão branco, como se fosse num espelho.

As senhoras, assustadas, diziam: "Basta! Basta!"

Mas o doutor ordenou: "A senhora se levantará amanhã às oito horas; depois irá procurar o seu primo no hotel e rogará a ele que lhe empreste cinco mil francos, que o seu marido pedirá à senhora".

Depois ele a despertou.

De regresso ao hotel, eu pensava naquela curiosa sessão, e assaltavam-me dúvidas, não quanto à absoluta e insuspeita boa fé da minha prima, a quem eu conhecia como uma irmã, desde a infância, mas quanto a uma

possível trapaça do doutor.

Não dissimularia ele na mão um espelho que mostrava à adormecida, ao mesmo tempo que o seu cartão de visita? Os prestidigitadores profissionais fazem coisas mais singulares até.

Regressei, pois, e deitei-me.

Ora, esta manhã, pelas oito e meia, fui acordado pelo meu camareiro, que me disse:

— É *Mme. Sablé* que pede para falar com o senhor, imediatamente.

Vestime às pressas e atendi-a.

Ela sentou-se muito perturbada, de olhos baixos, e, sem erguer o véu, me disse:

— Meu caro primo, tenho um grande favor a pedir-lhe.

— Qual, minha prima?

— É bastante penoso dizê-lo e, no entanto, é preciso. Eu tenho necessidade, necessidade absoluta, de cinco mil francos.

— Como, você?

— Sim, eu, ou antes, meu marido, que me encarregou de os conseguir.

Eu estava de tal modo estupefato, que balbuciava as minhas respostas. Perguntava a mim mesmo se por acaso ela não estaria zombando de mim com o Dr. Parent, e se não seria aquilo uma simples farsa organizada de antemão e otimamente representada.

Mas olhando-a com atenção todas as minhas dúvidas se dissiparam. Ela tremia de angústia, de tal modo lhe era doloroso aquele passo, e compreendi que tinha a garganta cheia de soluços.

Eu sabia que ela era bastante rica e tornei:

— Como? O seu marido não dispõe de cinco mil francos? Reflita. Está bem certa de que ele a encarregou de me pedir?

Ela hesitou alguns segundos, como se fizesse um grande esforço para procurar na sua memória, depois respondeu:

— Sim... sim... Tenho certeza.

— Ele lhe escreveu?

Ela hesitou de novo, refletindo. Adivinhei o trabalho torturante de seu pensamento. Ela não sabia.

Sabia apenas que devia pedir-me emprestado cinco mil francos para o marido. Atreveu-se, pois, a mentir.

— Sim, escreveu-me.

— Mas quando? Você não me falou de nada ontem.

— Eu recebi sua carta esta manhã.

— Pode mostrar-me?

— Não... não... não... ela continha coisas íntimas... muito pessoais... e eu... eu a queimei.

— Então, é que o seu marido andou contraindo dívidas. Ela hesitou ainda, depois murmurou:

— Eu não sei.

Eu declarei subitamente:

— É que eu não posso dispor de cinco mil francos neste momento, minha cara prima.

Ela soltou uma espécie de grito de dor.

— Oh! oh! eu lhe peço, eu lhe peço, trate de conseguir...

Ela exaltava-se, juntava as mãos como para implorar-me. Eu ouvia sua voz mudar de tom; chorava e balbuciava, tangida, dominada pela ordem irresistível que recebera.

— Oh! oh! eu lhe peço... eu lhe peço... Se soubesse como eu sofro.. Eu preciso hoje mesmo.

Tive piedade dela.

— Vou atendê-la daqui a pouco, juro-lhe. Ela exclamou:

— Oh! obrigada! obrigada! Como você é bom!

— Lembra-se do que se passou ontem em sua casa? — perguntei.

— Sim.

— Lembra-se de que o Dr. Parent a fez dormir?

— Sim.

— Pois bem: ele ordenou a você que viesse pedir-me esta manhã cinco mil francos, e você está obedecendo neste momento à sugestão dele.

Ela refletiu alguns segundos e retrucou:

— Mas como, Se é o meu marido que pede o dinheiro! Durante uma hora, tentei convencê-la, mas não pude consegui-lo.

Quando ela partiu, corri ao doutor. Ele ia sair, e escutou-me sorrindo. Depois disse:

— Acredita, agora?

— Sim, que remédio?

— Vamos à casa da sua prima.

Ela dormitava numa espreguiçadeira, morta de fadiga. O médico tomou-lhe o pulso, olhou-a algum tempo, com a outra mão erguida para os seus olhos, que ela fechou pouco a pouco, sob a insustentável pressão daquela força magnética.

E depois que ela adormeceu:

— O seu marido não tem mais necessidade de cinco mil francos. A senhora esquecerá que os pediu emprestados a seu primo; e, se este lhe falar nisto, a senhora não compreenderá.

Depois ele a despertou. Saquei do bolso uma carteira:

— Eis aqui, minha cara prima, o que você me pediu esta manhã.

Ficou tão surpresa que eu não ousei insistir. Tentei no entanto reavivar-lhe a memória. Negou energicamente, supôs que eu zombava dela, e esteve a ponto de incomodar-se, afinal.

Eis o que houve! Acabo de voltar ao hotel, e não pude almoçar, de tal modo essa experiência me impressionou.

*19 de julho.*—Várias pessoas a quem contei esta aventura, troçaram de mim. Eu não sei mais o que pensar. C sábio limita-se a dizer: Quem sabe...

*21 de julho.*—Fui jantar em Bougival, depois passei a noite no baile das sociedades náuticas. Sem dúvida nenhuma, tudo depende do local e do ambiente. Crer no sobrenatural na ilha da Grenouillère, seria o cúmulo da loucura... mas no alto do monte Saint-Michel?... mas na Índia? Nós sofremos terrivelmente a influência de que nos cerca. Voltarei para casa na próxima semana.

Bem.

*30 de julho.*—Estou na minha casa desde ontem.

*2 de agosto.*—Discussões entre meus criados. Dizem eles que quebram a louça, à noite, nos armários. C camareiro acusa o cozinheiro, que acusa a lavadeira, que acusa os outros dois. Quem o culpado? Ah! quem o diria...

*6 de agosto.*—Desta vez, eu não estou louco. Eu vi... eu vi... eu vi... Sinto ainda um calafrio até debaixo das unhas... tenho ainda medo até a medula... eu vi!...

Eu passeava às duas horas, em pleno sol, entre meu roseiral... na aléia das minhas roseiras de outono, que começam a florir.

Como me detivesse a olhar um géant dês batailles, que sustentava três flores magníficas, vi distintamente, bem perto de mim, dobrar-se o hastil de uma das rosas, como se mão invisível o torcesse, e depois o vi quebrar-se, como se a mão o tivesse colhido! E logo a flor ergueu-se no ar, seguindo a curva que teria descrito um braço ao levá-la até a boca, e a rosa ficou suspensa na luz transparente, sozinha, imóvel, terrível mancha vermelha a três passos de meus olhos.

Desvairado, lancei-me sobre ela para agarrá-la! Nada encontrei; ela havia desaparecido. Então fui tomado de uma cólera furiosa contra mim mesmo; pois não é lícito a um homem sensato e sério sofrer semelhantes alucinações.

Mas seria mesmo uma alucinação? Voltei-me para ver o hastil, e logo o encontrei no arbusto recém-quebrado, entre as duas outras rosas que ficaram no ramo.

Então, recolhime à casa com a alma desvairada, pois estou certo, agora, certo como da sucessão dos dias e das noites, que existe junto a mim um ser invisível, que se alimenta de leite e de água, que pode tocar nas coisas, pegá-las, mudar-lhes o lugar, dotado por conseguinte de uma natureza material, embora imperceptível a nossos sentidos, e que mora, como eu, sob meu teto...

*7 de agosto.*—Dormi tranqüilo. Ele bebeu a água da minha jarra, mas não perturbou o meu sono.

Indago comigo mesmo se não estarei louco. Passeando há pouco, ao sol, pela margem do rio, ocorreram-me



dúvidas quanto à minha razão, não dúvidas vagas como as tivera até agora, mas dúvidas precisas, absolutas. Tenho visto loucos; conheci alguns que permaneciam inteligentes, lúcidos, perspicazes mesmo, no tocante às coisas da vida, salvo num ponto. Falavam de tudo com clareza, com desembaraço, com profundidade, e, de súbito, seu pensamento, batendo de encontro ao escolho da sua loucura, se estilhaçava, desmantelava-se e soçobrava nesse oceano terrível e furioso, cheio de vagas assanhadas, de nevoeiros, de borrascas, a que se chama "a demência".

Sem dúvida eu me julgaria louco, absolutamente louco, se não estivesse consciente, se não conhecesse perfeitamente o meu estado, se não o sondasse, analisando-o com uma completa lucidez. Quando muito, eu seria, afinal, um alucinado raciocinante. Teria se produzido em meu cérebro uma perturbação desconhecida, uma dessas perturbações que os fisiologistas tentam hoje registrar e apreciar; e essa perturbação teria determinado no meu espírito, na ordem e na lógica das minhas idéias, uma fenda profunda. Fenômenos semelhantes acontecem no sonho, que nos passeia através das fantasmagorias mais inverossímeis, sem que fiquemos surpresos, pois que o aparelho verificador, o sentido do controle, está adormecido, ao passo que a faculdade imaginativa vela e trabalha. Não poderá ser que uma das imperceptíveis teclas do instrumento cerebral se ache paralisada em mim? Homens há que, em conseqüência disso, perdem a memória dos nomes próprios, ou dos verbos, ou dos algarismos, ou apenas das datas. As localizações de todas as parcelas do pensamento estão hoje comprovadas. Ora, não é de espantar que minha faculdade de controlar a irrealidade de certas alucinações se ache entorpecida em mim neste momento!

Eu pensava em tudo isso enquanto seguia pela margem. O sol cobria de claridade o rio, tornava deliciosa a terra, enchia o meu olhar de amor à vida, às andorinhas, cuja agilidade é uma alegria de meus olhos, às ervas da margem, cujo frêmito é uma felicidade de meus ouvidos.

Pouco a pouco, no entanto, ia penetrando em mim um mal-estar inexplicável. Uma força, parecia-me, uma força oculta me entorpecia, me paralisava, me impedia de seguir além, me puxava para trás.

Eu experimentava essa dolorosa necessidade de voltar que nos oprime quando deixamos em casa um doente amado e nos domina o pressentimento de uma agravação do seu mal.

Voltei, pois, contra a vontade, seguro de que ia encontrar em casa alguma notícia má, uma carta ou telegrama. Não havia nada; e fiquei mais surpreso e mais inquieto do que se tivesse tido novamente alguma visão fantástica.

*8 de agosto.*—Passei ontem uma terrível noite. Ele não se manifesta mais, mas eu o sinto perto de mim, espiando-me, olhando-me, penetrando-me, dominando-me, e mais temível assim oculto do que se se manifestasse por fenômenos sobrenaturais sua presença invisível e constante.

Dormi, no entanto.

*9 de agosto.*—Nada. Mas tenho medo.

*10 de agosto.*—Nada, acontecerá amanhã?

*11 de agosto.*—Nada, ainda. Não posso continuar em casa com este receio e este pensamento na alma. Vou partir.

*12 de agosto, dez horas da noite.*—Todo o dia eu quis ir embora; não pude. Quis realizar esse ato de liberdade, tão simples—sair—subir no meu carro para ir a Ruão—não pude. Por quê?

*13 de agosto.*—Quando se é atingido por certas doenças, todas as molas do ser físico parecem quebradas, todas as energias aniquiladas, todos os músculos relaxados, os ossos moles como a carne e a carne, líquida como água. É isto o que experimento no meu ser moral, de maneira estranha & desoladora. Não tenho mais nenhuma força, nenhuma coragem, nenhum domínio próprio, nenhum poder de pôr em movimento a minha vontade. Não posso mais querer; mas alguém quer por mim; e eu obedeco.

*14 de agosto.*—Estou perdido! Alguém possui a minha alma e a governa! Alguém ordena todos os meus atos, todos os meus gestos, todos os meus pensamentos. Eu nada mais sou em mim, nada mais sou que um espectador, escravizado, e aterrorizado de todas as coisas que eu faço. Eu desejo sair. Não posso. Ele não quer; e

eu fico, desvairado, trêmulo, na poltrona, onde ele me mantém sentado. Eu desejo apenas levantar-me, soerguer-me, a fim de acreditar que ainda sou senhor de mim. Não posso! Estou cravado na minha cadeira; e a minha cadeira adere ao solo, de tal maneira que nenhuma força nos poderia erguer.

Depois de súbito, é preciso, é preciso, é preciso que eu " vá ao fundo de meu jardim colher morangos e comê-los. E eu vou. Eu colho morangos e os como! Oh! meu Deus! Meu Deus! Meu Deus! Existe um Deus? ! um Deus existe, livraime, meu Deus! Salvai-me. Acudi-me! Perdão! Piedade! Misericórdia! Salvai-me. Oh! que sofrimento! que tortura! que horror!

*15 de agosto.*—Eis, sem dúvida, como estava possuída e dominada a minha pobre prima, quando veio pedir-me cinco mil francos. Ela sofria um querer estranho, que nela penetrara, como uma outra alma, parasita e dominadora. Será que o mundo vai acabar?

Mas esse que me governa, quem é ele, esse invisível? esse irreconhecível? esse malfeitor de uma raça sobrenatural? Os invisíveis existem, pois! Então, como é que desde a origem do mundo, eles ainda não haviam se manifestado de um modo preciso, como o fazem comigo? Nunca vi coisa alguma que se assemelhe ao que se passou na minha casa. Oh! se eu pudesse deixá-la, se eu pudesse ir-me, fugir, e nunca mais voltar! Eu estaria salvo, mas não posso.

*16 de agosto.*—Pude escapar hoje durante duas horas, como um prisioneiro que encontra aberta, por acaso, a porta do seu calabouço. Senti que estava livre de repente e que ele se achava longe. Mandeí atrelar às pressas e dirigi-me a Ruão. Oh! que alegria poder dizer a um homem que obedece:

"Para Ruão!"

Mandeí parar na biblioteca e tomeí emprestado o grande tratado do Dr. Hermann Herestauss sobre os habitantes desconhecidos do mundo antigo e moderno.

Depois, no momento de subir ao meu cupê, eu quis dizer: "À estação!" e gritei—eu não disse, eu gritei—com uma voz tão forte que os transeuntes se voltaram: "Para casa!", e caí, aniquilado de angústia, na almofada de meu carro. Ele me havia encontrado e me apanhara de novo.

*17 de agosto.*—Ah! Que noite! que noite! E no entanto me parece que eu deveria alegrar-me. Até a uma hora da manhã, eu li! Hermann Herestauss, doutor em filosofia e em teogonia, escreveu a história e as manifestações de todos os seres invisíveis que rondam em torno do homem ou são por ele sonhados. Descreve suas origens, seu domínio, seu poder. Mas nem um deles se assemelha a este que me domina. Dir-se-ia que o homem, desde que pensa, tem pressentido e temido um ser novo, mais forte que ele, seu sucessor neste mundo, e que, sentindo-o próximo, e não podendo prever a natureza desse senhor, criou no seu terror todo o povo fantástico dos seres ocultos, fantasmas vagos nascidos do medo.

Tendo, pois, lido até uma hora da noite, fui sentar-me em seguida junto à janela aberta para refrescar a fronte e o pensamento ao vento calmo da escuridão.

O ar era agradável e morno. Como eu teria amado aquela noite outrora!

Não havia lua. As estrelas tinham no fundo do céu negro um cintilar fremente. Quem habita esses mundos? Que formas, que viventes, que animais, que plantas existem lá? Os que pensam, naqueles universos longínquos, que saberão eles mais do que nós? Que verão eles, que nós não conheçamos? Um deles, um dia ou outro, atravessando o espaço, não aparecerá acaso em nossa Terra para a conquistar, como os normandos outrora atravessaram o mar para dominar povos mais fracos?

Somos tão franzinos, tão desarmados, tão ignorantes, tão pequenos, sobre esta pouca lama diluída numa gota d'água...

Adormeci, cismando assim, ao vento fresco da noite.

Ora, tendo dormido cerca de quarenta minutos, abri os olhos sem fazer um movimento, despertado por não sei que confusa e bizarra emoção. Nada vi a princípio, depois, de repente, pareceu-me que uma página do livro que ficara aberta sobre a minha mesa, acabava de virar-se sozinha. Nenhuma corrente de ar entrara pela janela. Fiquei surpreso e esperei. Uns quatro minutos depois, eu vi, sim, eu vi com meus próprios olhos, uma outra página erguer-se e pousar sobre a precedente, como se um dedo a tivesse folheado. A minha cadeira estava vazia, parecia vazia; mas eu compreendi que ele estava ali, sentado no meu lugar, e que lia. Num salto furioso, num salto de fera revoltada, que vai desventrar seu domador, eu atravessei a peça para agarrá-lo, apertá-lo, matá-lo!... Mas a minha cadeira, antes que eu a alcançasse, virou, como se tivesse fugido de mim... a minha

mesa oscilou, a minha lâmpada tombou e apagou-se, e a minha janela fechou-se, como se um malfeitor, surpreso, tivesse escapado e agarrado com ambas as mãos os batentes.

Oh! então ele fugira; ele tivera medo, medo de mim!

Então... então... amanhã... ou depois... um dia qualquer... eu poderei agarrá-lo, esmagá-lo contra o chão! Pois os cães, algumas vezes, não mordem e estrangulam os seus donos?

*18 de agosto.*—Estive a pensar o dia todo. Oh! sim, eu vou obedecer-lhe, seguir seus impulsos, cumprir todas suas vontades, fazer-me humilde, submisso, covarde. Ele é mais forte. Mas há de chegar o dia...

*19 de agosto.*—Já sei... já sei... já sei tudo! Acabo de ler isto na Revue du Monde Scientifique:

"Chega-nos do Rio de Janeiro uma notícia bastante curiosa. Uma loucura, uma epidemia de loucura comparável às demências contagiosas que atacaram os povos da Europa na Idade-Média, alastra-se neste momento na província de São Paulo. Os habitantes desvairados deixam suas casas, desertam suas aldeias, abandonam suas plantações, dizendo-se perseguidos, possuídos, governados, como um gado humano, por seres invisíveis, embora tangíveis, espécie de vampiros que se alimentam de suas vidas, durante o sono, e que bebem, além disso, água e leite, sem parecer tocar em nenhum outro alimento.

"O Sr. professor Pedro Henrique, acompanhado de vários cientistas-médicos, partiu para a província de São Paulo, a fim de estudar no local as origens e as manifestações dessa surpreendente loucura e propor ao Imperador as medidas que lhe parecerem mais próprias para fazer voltar à razão essas populações em delírio".

Ah! Ah! agora me lembro, agora me lembro: o belo três-mastros brasileiro que passou pelas minhas janelas, remontando o Sena, a 8 de maio último! Eu o achei tão lindo, tão branco, tão alegre! O Ser estava ali, vindo de lá, de onde sua raça nascera! E ele me viu! Ele viu a minha casa branca também; e saltou do navio para a margem. Oh! meu Deus!

Agora, eu sei, eu pressinto. O reinado do homem está findo.

Ele veio, Aquele que despertava os primeiros terrores dos povos primitivos, Aquele a quem exorcismavam os sacerdotes inquietos, a quem os feiticeiros evocavam nas noites escuras, a quem os pressentimentos dos senhores efêmeros do mundo emprestaram todas as formas monstruosas ou graciosas dos gnomos, dos espíritos, dos gênios, das fadas, dos duendes. Após as grosseiras concepções do medo primitivo, homens mais perspicazes o pressentiram com mais clareza. Mesmer o adivinhara, e os médicos, há uns dez anos, descobriram de modo preciso a natureza de seu poder, antes que ele próprio o exercesse. Eles brincaram com essa arma do novo Senhor, o domínio de uma misteriosa vontade sobre a alma humana escravizada. Chamaram a isso magnetismo, hipnotismo, sugestão... que sei eu? Eu os vi divertirem-se, como crianças imprudentes, com esse horrível poder! Ai de nós! Ai do homem! Ele veio, o... o... como se chama ele?.. parece-me que ele me grita o seu nome, e eu não o entendo... o... sim... ele grita... Eu escuto... eu não posso... repete, repete... o... Horla... Eu ouvi... o Horla... é ele... o Horla... ele veio!...

Ah! o abutre devorou o pombo; o lobo devorou o cordeiro; o leão devorou o búfalo de cornos agudos; o homem matou o leão com a flecha, com a espada, com a pólvora; mas o Horla vai fazer do homem o que nós fizemos do cavalo e do boi: a sua coisa, o seu servo e o seu alimento, tão-somente pelo poder da sua vontade. Ai de nós!

No entanto, o animal, algumas vezes, se revolta e mata aquele que o domou... eu também quero... eu poderei... mas é preciso conhecê-lo, tocar-lhe, vê-lo! Dizem os sábios que a vista do animal, diferente da nossa, não distingue como o nosso órgão visual... e a minha vista não pode distinguir esse recém-chegado, que me oprime.

Por quê? Oh! lembro-me agora das palavras do monge do monte de Saint-Michel: "Será que nós vemos centésimamilésima parte do que existe? Olhe, eis aqui o vento, que é a maior força da natureza, que derruba os homens, abate os edifícios, desenraíza as árvores, soergue o mar em montanhas d'agua, destrói os contrafortes e arremessa aos rochedos os grandes navios, o vento que mata, que assovia, que geme, que rugem—o senhor o viu? pode vê-lo? E no entanto ele existe!"

E eu pensava ainda mais: a minha vista é tão fraca, tão imperfeita, que não distingue nem mesmo os corpos sólidos quando estes são transparentes como o vidro!... Basta que um espelho sem aço barre o nosso caminho, e a nossa vista nos lança contra ele, como o pássaro que entrou numa sala fere a cabeça contra as vidraças. Mil coisas, aliás, a enganam e desnorream. Não é de espantar, pois, que ela não saiba perceber um novo corpo que a luz atravessa.

Um novo ser! por que não? Ele deveria vir certamente! Por que seríamos nós os derradeiros? Nós não o distinguimos, como não o puderam distinguir todos os outros seres criados antes de nós. É que sua natureza é mais perfeita, seu corpo mais fino e mais acabado que o nosso, tão fraco, tão inabilmente concebido, atulhado de órgãos sempre fatigados, sempre forçados como aparelhos muito complexos, corpo que vive como uma planta e como um animal, nutrindo-se penosamente de ar, de verdura e de carne, máquina animal sujeita às doenças, às deformações, às putrefações, ofegante, mal regulada, elementar e bizarra, engenhosamente malfeita, obra grosseira e delicada, esboço de ser que poderia tornar-se inteligente e soberbo.

Não passamos de alguns, tão poucos sobre este mundo, desde a ostra até o homem. Por que não mais um, uma vez cumprido o período que separa o sucessivo aparecimento das diversas espécies?

Por que não mais um? Por que não também outras árvores de flores imensas, fulgurantes e perfumando regiões inteiras? Por que não outros elementos além do fogo, do ar, da terra e da água? — São quatro, nada mais que quatro, essas nutrizas dos seres! Que miséria! Por que não são quarenta, quatrocentas, quatro mil?! Com tudo é pobre, mesquinho, miserável! avaramente dado, secamente inventado, pesadamente feito! Ah! o elefante, o hipopótamo, que graça! O camelo, que elegância!

Mas, direis, e a borboleta então? uma flor que voa! Eu sonho uma que seria grande como cem universos, com asas de que não posso nem mesmo experimentar a forma, a beleza, a cor e o movimento. Mas eu a vejo... ela vai de estrela a estrela, refrescando-as e balsamizando-as ao frêmito harmonioso e leve de seu vô!... E os povos das Alturas a olham passar, extáticos e encantados!

Mas que tenho? É ele, o Horla, que me habita, que me faz pensar estas loucuras! Ele está em mim, ele se torna a minha alma; eu o matarei!

*19 de agosto.* — Eu o matarei. Eu o vi! Ontem à noite sentei-me à minha mesa e fingi estar escrevendo com grande atenção. Bem sabia que ele viria rondar em torno de mim, bem perto, tão perto que eu poderia talvez tocar-lhe, agarrá-lo... E então!... então, eu teria a força dos desesperados; eu teria minhas mãos, meus joelhos, meu peito, minha fronte, meus dentes, para estrangulá-lo, mordê-lo, estraçalhá-lo.

E eu o espiava com todos os meus órgãos super excitados.

Tinha acendido as minhas duas lâmpadas e as oito velas da minha lareira, como se pudesse, naquela claridade, descobri-lo.

Defronte a mim, o meu leito, um velho leito de carvalho com colunas; à direita, a lareira; à esquerda, a porta cuidadosamente fechada, depois de a ter deixado por muito tempo aberta, a fim de o atrair; atrás de mim, um alto armário de espelho, que me servia todos os dias para barbear-me, vestir-me, e onde eu tinha o hábito de olhar-me, da cabeça aos pés, de cada vez que passava pela sua frente.

Eu fingia, pois, estar escrevendo, para enganá-lo, pois ele também me espiava; e, de súbito, senti, tive a certeza de que ele lia por cima de meu ombro, de que ele estava ali, roçando a minha orelha.

Ergui-me, com as mãos estendidas, virando-me tão depressa que quase caí. Mas quê?!... Enxergava-se com em pleno dia, e eu não me vi no espelho. Ele estava vazio, claro, profundo, cheio de luz! A minha imagem não estava lá dentro... e eu me achava ali defronte! Eu via de alto a baixo o grande vidro límpido. E olhava para aquilo com uns olhos desvairados; e não ousava mais avançar, não ousava mais fazer um movimento, ciente no entanto de que ele ali estava, mas que me escaparia ainda, ele cujo corpo imperceptível havia devorado o meu reflexo.

Como tive medo! Depois, eis que de repente comecei a avistar-me em um nevoeiro, no fundo do espelho, em um nevoeiro como através de uma toalha d'água; e me parecia que aquela água deslizava da esquerda para a direita, lentamente, tornando mais precisa a minha imagem, de segundo em segundo.

Pude enfim distinguir-me completamente, assim como faço cada dia, ao olhar-me no espelho.

Eu o tinha visto! E conservo o terror daquela visão, que me faz ainda estremecer.

*20 de agosto.* — Matá-lo, como, se não posso atingi-lo? Veneno? Mas ele me veria misturá-lo na água; e os nossos venenos, aliás, produziriam algum efeito no seu corpo imperceptível? Não... não.. sem dúvida alguma... E então?.. e então?...

*21 de agosto.* — Mandei chamar um serralheiro de Ruão, e encomendei-lhe para o meu quarto persianas de ferro, como têm em Paris certas casas particulares, no rés-do-chão, devido aos gatunos. Ele me fará, além disso, uma porta idêntica. Estou passando por um verdadeiro covarde, mas pouco se me dá!...

10 de setembro.—Ruão, Hotel Continental. Tudo acabado... Enfim... Mas terá ele morrido? Tenho a alma transtornada com o que vi.

Ontem, pois, tendo o serralheiro colocado as persianas, e a porta de ferro, deixei tudo aberto até a meia-noite, embora começasse a fazer frio.

De repente, senti que ele ali estava, e uma alegria, uma louca alegria se apoderou de mim. Ergui-me lentamente e andei de um lado para outro, por muito tempo, para que ele nada adivinhasse; depois tirei as botinas e calcei os chinelos com negligência; depois fechei as persianas de ferro e, voltando com um andar tranqüilo para a porta, cerreia-a também, com duas voltas. Dirigindo-me então à janela, fechei-a com um cadeado, cuja chave guardei no bolso.

De repente, senti que ele se agitava em torno de mim, que ele tinha medo por sua vez e me ordenava que lhe abrisse a porta. Estive prestes a ceder; não cedi, mas, encostando-me à porta, entreabri-a o suficiente para que eu pudesse passar de costas; e, como eu sou bastante alto, a minha cabeça tocava no portal. Estava certo de que ele não pudera escapar, e fechei-o, só, inteiramente só.

Que alegria! Eu o apanhara! Então, desci, correndo; tomei no salão, que fica por baixo do meu quarto, as minhas lâmpadas e derramei todo o óleo sobre o soalho, os móveis, por toda parte; depois pus-lhe fogo e escapei, após haver bem fechado, com duas voltas, a grande porta de entrada.

Fui esconder-me no fundo do meu quintal, atrás de uns loureiros. Como demorou! como demorou! Tudo era negro, mudo, imóvel; nem um sopro de vento, nem uma estrela, montanhas de nuvens que não se divisavam, mas que me passavam n'alma, terrivelmente.

Eu olhava para minha casa, e esperava. Como demorou! Supunha já que o fogo se extinguiu por si só, ou que ele o apagara, quando uma das janelas de baixo rebentou sob o ímpeto do incêndio, e uma chama, uma grande chama vermelha e amarela, longa, mole, acariciante, subiu ao longo do muro branco e o beijou até o telhado. Um clarão perpassou nas árvores, nos ramos, nas folhas, e um frêmito, um frêmito de medo também! Os pássaros despertaram; um cachorro começou a ganir; pareceu-me que estava amanhecendo! Duas outras janelas rebentaram em seguida, e eu vi que todo o andar térreo da minha casa não era mais que um tremendo braseiro. Mas um grito, um grito horrível, agudíssimo, lancinante, um grito de mulher atravessou a noite, e duas mansardas se abriram! Eu tinha esquecido os meus criados! Vi suas faces desvairadas, e seus braços que se agitavam!..

Então, desorientado de horror, pus-me a correr para a aldeia gritando: "Socorro! socorro! fogo!" Encontrei gente que já vinha vindo e voltei na sua companhia, para ver.

A casa, agora, não era mais que uma fogueira horrível e magnífica, uma fogueira monstruosa, que iluminava a terra, uma fogueira onde homens ardiavam, e onde ele também ardia, Ele, Ele, o meu prisioneiro, o novo Ser, o novo senhor—o Horla!

Súbito o telhado inteiro se abateu entre os muros, e um vulcão de chamas jorrou até o céu.

Por todas as janelas abertas para a fornalha, eu vi a cuba de fogo, e considerava que ele estava ali, naquele forno, morto...

— Morto? Talvez... O seu corpo... o seu corpo que a luz atravessava não seria acaso indestrutível pelos meios que matam os nossos?

E se ele não estivesse morto?... Só o tempo, talvez, tem poder sobre o Ser Invisível e Terrífico. Por que então teria ele aquele corpo transparente, aquele corpo imperceptível a nós, aquele corpo de Espírito, se devia temer, também, os males, os ferimentos, as estropeiações, a destruição prematura?

Destruição prematura? Todo o terror humano provém disto! Depois do homem, o Horla.—Após aquele que pode morrer em qualquer dia, a qualquer hora, a qualquer minuto, por quaisquer acidentes, vem aquele que só deve morrer no seu dia, na sua hora, no seu minuto, por haver atingido o limite da sua existência!

Não... não... sem dúvida nenhuma, sem dúvida nenhuma... ele não está morto... Então... então... vai ser preciso agora que eu me mate!...